

O SUJEITO DO DISCURSO EM AD: UM ESTUDO ANALÍTICO

Edna Ranielly do Nascimento Fernandes¹

RESUMO: O Objetivo desse estudo é realizar um panorama da noção de sujeito discursivo desde a AD 69 até a AD 75, bem como, compreender o modo como esse sujeito discursivo se articula com outras noções da AD, a citar: Formação Ideológica, Formação Discursiva, Forma-sujeito, Posições-sujeito entre outros. Tendo em vista tais objetivos, utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica: Indursky (2008); Orlandi (2001); Pêcheux (1995); Pêcheux & Fuchs (1997) entre outros, e a interpretação de recortes discursivos em dois documentários: Bagaço (2006) e Do Bagaço à Liberdade (2010). O estudo revelou que estamos lidando com um sujeito dotado de heterogeneidade numa rede de sentidos que se conectam harmoniosamente (identificação); se contrapõe tensivamente (Contraidentificação) ou se desarticula completamente (desidentificação).

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito; Análise do Discurso; Ideologia.

ABSTRACT: The aim of this study is to analyze the notion of the discursive subject from AD 69 to AD 75, as well as, to understand the way in which this discursive subject articulates with other notions of AD, such as: Ideological Formation, Discursive Formation, Subject-Form, Subject-Positions, among others. In view of these objectives, we used as a methodology the bibliographical research: Indursky (2008); Orlandi (2001); Pêcheux (1995); Pêcheux & Fuchs (1997), among others, and the interpretation of discursive cuts in two documentaries: Bagaço (2006) and Do Bagaço à Liberdade (2010). The study revealed that we are dealing with a subject endowed with heterogeneity in a network of senses that connect harmoniously (identification); (Counteridentification) or disarticulates completely (decription).

KEYWORDS: Subject; Speech analysis; Ideology.

Primeiras palavras

A linguagem perpassa o homem seja na esfera social, cultural ou histórica, entretanto, existem inúmeros modos de estudá-la. Como afirma Orlandi (2001), a língua pode ser tomada como um sistema de signos ou de regras formais ou pode ser um instrumento de materialização das diferentes formas de significar. O primeiro modo está mais voltado para as “linhas duras”, como a Gramática normativa, por exemplo, enquanto o segundo se aproxima da perspectiva que nos propomos a discutir neste trabalho.

É a partir dessa segunda perspectiva que surge a Análise do Discurso (AD) na França (década de 60). Seu fundador (Pêcheux), transpassado por algumas paixões constitui um novo modo de enxergar a língua: como materialização do discurso, que por sua vez, está atrelado a

¹ Mestranda em Linguística pelo Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco/UFPE. Bolsista Capes. E-mail: niellynascimento00@gmail.com.

ideologia, a história e ao sujeito. Não se trata de um sujeito defendido pelas correntes estruturalistas ou gerativistas, mas um sujeito discursivo, interpelado pela ideologia e dotado de inconsciência.

Mediante essa ideia: língua, sujeito e discurso, acreditamos que as linhas “duras” têm a sua função e positividade em dada área dos estudos linguísticos, porém são necessários estudos mais flexíveis pautado na Análise do Discurso Pecheutiana, tendo em vista que as linhas “duras” não conseguem abarcar a construção do sentido e sujeito proposto pela AD, afinal seu objeto de estudo ou é direcionado ao código linguístico propriamente dito ou ao sujeito empírico.

Diante do que foi exposto, este trabalho tem como objetivo discorrer sobre a constituição do sujeito defendido pela AD através de um percurso teórico que se inicia na AD de 69 (Análise Automática do Discurso/ Pêcheux) até Semântica e Discurso publicado em 1975/ Pêcheux, aportado em INDURSKY (2007; 2008; 2011); MALDIDIER (2003); ORLANDI (2001); PÊCHEUX (1995); PÊCHEUX & FUCHS (1997) entre outros. Objetivamos ainda, mostrar como esse sujeito discursivo se relaciona com outras noções, a citar: Formação Ideológica; Formação Discursiva; Forma- sujeito; Interdiscurso entre outros.

A construção desse trabalho gera, a princípio, certa inquietação que consiste na própria ideia de sujeito discursivo. Como esse sujeito atinge a materialidade histórica tão defendida pela AD? Como ele é perpassado pelo inconsciente? Será que o sujeito discursivo é dotado de homogeneidade? Ou em seu interior residem múltiplos “eus” discursivos que se efetuam de diferentes modos?

Utilizaremos como *corpus* de análise e aplicação da teoria alguns recortes discursivos presentes nos documentários realizados pela Comissão Pastoral da Terra e Rede Social de Justiça e Direitos Humanos: *Bagaço* (2006); *Do Bagaço à liberdade* (2010). O primeiro documentário retrata a vida e o trabalho de cortadores de cana da Zona da Mata de Pernambuco. O segundo documentário mostra esses mesmos trabalhadores em processo de assentamento. Buscaremos analisar como o sujeito discursivo se efetua nos recortes a serem realizados.

Em busca de um possível alcance dos objetivos mencionados anteriormente utilizaremos a interpretação como principal instrumento de análise dos discursos, visto que, “a Análise do Discurso não procura o sentido verdadeiro, mas o real do sentido em sua

materialidade linguística e histórica” (ORLANDI, 2001, p. 59). A nossa proposta não é a busca por uma espécie de verdade “universal”, mas uma análise da materialização do sentido através dos processos históricos e ideológicos.

Inicialmente lidaremos com o *corpus* de arquivo, ou seja, selecionaremos discursos já arquivados em suportes discursivos² e tentaremos converter a superfície linguística em um objeto linguisticamente de-superficializado. Como segundo passo, tentaremos construir o *corpus* em consonância com nossas perspectivas de análise, num constante ir e vir entre teoria e prática (ORLANDI, 2001; INDURSKY, 2008).

Vale ressaltar que a análise a ser realizada será apenas uma possibilidade de interpretação, tendo em vista que, um objeto discursivo não se esgota em uma única análise, pois, ele é, na verdade, um recorte que diz muito sobre o modo e a interpretação utilizada pelo analista, ou seja, sempre há algo que pode ser dito de outra forma sobre um determinado dado discursivo. (ORLANDI, 2001).

Sujeito discursivo: algumas reflexões

A AD 69 inaugurada com a publicação do livro “Análise Automática do Discurso” de M. Pêcheux, apesar de está em estágio inicial de formulação e de apresentar algumas incongruências apontadas pelo próprio autor posteriormente, já revela um esboço do que é sujeito para Pêcheux, uma vez que, na obra, ele faz uma crítica às ciências que focam no sujeito psicológico e ignoram a relação da ciência com a política (MALDIDIER, 2003).

Essa relação tão forte faz com que Pêcheux, aportado nos estudos de Althusser, se preocupe com a ligação entre discurso/sujeito e ideologia. “É tendo como referência a ideologia que Pêcheux introduz o sujeito enquanto ‘efeito ideológico elementar’ (HENRY, 1997, p.30), O sujeito não é um organismo individual, mas um sujeito que ocupa um lugar na estrutura social. (INDURSKY, 2008).

Diante do exposto anteriormente, podemos constatar, neste momento, a ideia de que o lugar social constitui o sujeito e determina o discurso (PÊCHEUX, 1997). Um sujeito que está interligado aos lugares sociais atribuídos a si e ao outro, que por sua vez, estão atrelados à instância ideológica.

² O recorte será realizado a partir dos vídeos já ressaltados no texto.

A noção de sujeito passa por uma transformação em 1975, a partir dos estudos realizados por Pêcheux em parceria com Fuchs na obra *A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas*. Logo na primeira página, os autores já mencionam uma importante atualização no quadro epistemológico constituinte do campo teórico da AD. Tal atualização está articulada a três esferas:

O **materialismo histórico** como teoria das formações sociais e de suas transformações, aí compreendida a **teoria das ideologias**. A **linguística** como teoria ao mesmo tempo dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação. A **teoria do discurso** como teoria da determinação dos processos semânticos. Intervém uma quarta referência de '**uma teoria da subjetividade**' (de natureza psicanalítica) (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p.163-164 grifos nossos).

Diante do pronunciamento dos autores acima, compreendemos que ao contrário da AD 69, não estamos mais lidando apenas com um sujeito ideológico, mas com um sujeito perpassado pelo inconsciente³. Inicia-se neste momento uma das ideias centrais da AD, a ilusão que afeta o sujeito por ele acreditar que é a fonte do dizer, quando na verdade é interpelado pela ideologia e pela natureza psicanalítica. (PÊCHEUX; FUCHS, 1997).

A modalidade particular do funcionamento da instância ideológica quanto à reprodução das relações de produção consiste no que se convencionou chamar Interpelação, ou o assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico, de tal modo que cada um seja conduzido, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a ocupar o seu lugar em uma ou outra das duas classes sociais antagonistas do modo de produção [...] (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 165-166).

Aqui se tem uma noção de sujeito muito fiel aos aparelhos ideológicos, afinal, as relações de produção geram o assujeitamento do sujeito ideologicamente, faz com que, mesmo sem ter consciência, o sujeito passe a ocupar a posição estipulada pelo sistema numa relação que é mantida pelos aparelhos ideológicos do estado. O inovador consiste exatamente na inconsciência de interpelação ideológica, nessa ausência de consciência que conduz o sujeito a acreditar que a sua posição numa dada classe é fruto de sua liberdade de escolha. O

³ Pêcheux bebe das releituras de Lacan acerca dos estudos freudianos para compor a sua ideia de inconsciente.

sujeito tem a ilusão de que o dizer/a escolha é um produto “seu” quando na verdade é sempre fruto de algo já anterior.

Pêcheux, ainda em 1975, publica a obra *Les Verités de La Palice* nomeada no Brasil de *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Esta obra consiste num verdadeiro marco entre os seus escritos, pois é nela que a subjetividade alcança outro patamar ao se anexar a uma não subjetividade, formando assim o que o filósofo chama de *Teoria não subjetiva da Subjetividade*.

[...] o sujeito que o fundador da Teoria da Análise do Discurso convoca é um sujeito que não está na origem do dizer, pois é duplamente afetado, pessoalmente e socialmente. Na constituição de sua psique, este sujeito é dotado de inconsciente. E, em sua constituição social, ele é interpelado pela ideologia. (INDURSKY, 2008, p.10).

É nessa relação entre a Ideologia e o Inconsciente que o sujeito discursivo é constituído, se distanciando do sujeito empírico. Ele não é o dono do dizer, pois retoma sempre a um “já dito” e “[...] carrega consigo marcas do social, do ideológico e do histórico, mas tem a ilusão de ser a fonte do sentido” (GRIGOLETTO, 2008, p.47). Tal ilusão se dá devido a dois esquecimentos.

No “esquecimento número 1” o sujeito esquece, ou em outras palavras, recalca que o sentido se forma em um processo que lhe é exterior: a zona do “esquecimento número 1” é por definição, inacessível ao sujeito. O “esquecimento número 2” designa a zona em que o sujeito enunciador se move, em que ele constitui seu enunciado, colocando fronteiras entre o “dito” e o “rejeitado”, o “não dito” (MALDIDIER, 2003, p. 42).

Observe que o esquecimento número 1 está em estreita relação com o inconsciente, pois é algo intransponível para o nível da pré-consciência ou consciência, o que acarreta na ilusão de “origem do dizer”. Enquanto sujeito discursivo, por não ter a consciência que o dito é sempre algo que ressoa anteriormente, cria-se a ideia de um dizer único, particular. O esquecimento número 2, por conseguinte, está no nível da pré-consciência, pois, apesar de se fazer presente a ilusão de que o modo como organizamos nosso enunciado é o único possível e de que somente assim o sentido almejado será atingido, há possibilidade de reformulação do nosso dizer através “de famílias parafrásticas, para melhor especificar o que dizemos” (ORLANDI, 2001, p.35). Mesmo assim, é preciso salientar mais uma vez que, o sentido nos escapa, pois, o dito sempre pode se efetuar de outro modo.

Em síntese, até aqui sabemos que o sujeito, a ideologia e o inconsciente se relacionam e que o sujeito defendido pelo fundador da AD é totalmente diferente do sujeito empírico, exatamente por essa relação triádica. Agora nos resta saber como o sujeito funciona no discurso⁴.

De acordo com Pêcheux e Fuchs :

⁵[...] Uma Formação Ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’ mas se relacionam mais ou menos diretamente as posições de classes em conflito umas com as outras [...]. [...] As formações ideológicas [...] comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma harença, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura dada [...]. (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p.166)

O texto citado nos interessa devido à noção que é proposta de entrelaçamento entre FI e FD. Os autores afirmam que toda FI comporta no seu interior necessariamente uma ou mais FD, ou seja, a FD consiste no modo pelo qual o discurso se relaciona com a ideologia. A ideia seria, aproximadamente, o que é exposto no quadro a seguir:

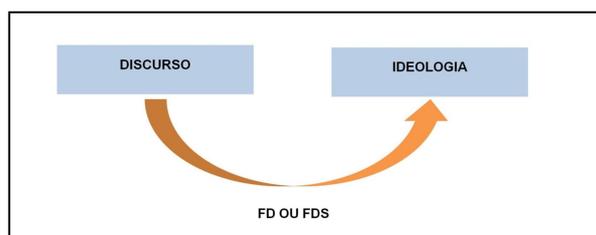


Figura 1 - Relação entre FI, Discurso e FD. Fonte: Figura produzida pela autora

Observe que a FD permite à ligação do discurso a instância ideológica. Vale acrescentar que, se a FD é o modo pelo qual o discurso se articula a ideologia, ela ainda é, também, o fio condutor da ligação entre essa mesma ideologia e o indivíduo que deixa de ser unicamente empírico para tornar-se sujeito discursivo. “Os indivíduos são ‘interpelados’ em

⁴ A mesma preocupação e questionamento se encontram em INDURSKY (2008).

⁵ Nesta concepção ainda se tem uma noção de FD homogênea e fechada, ou seja, as FDs estão muito bem harmonizadas, sem contato com outras FDs ou ideologias.

sujeitos de seu discurso, pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (PÊCHEUX, 1995, p.161). A citação está esquematizada a seguir:

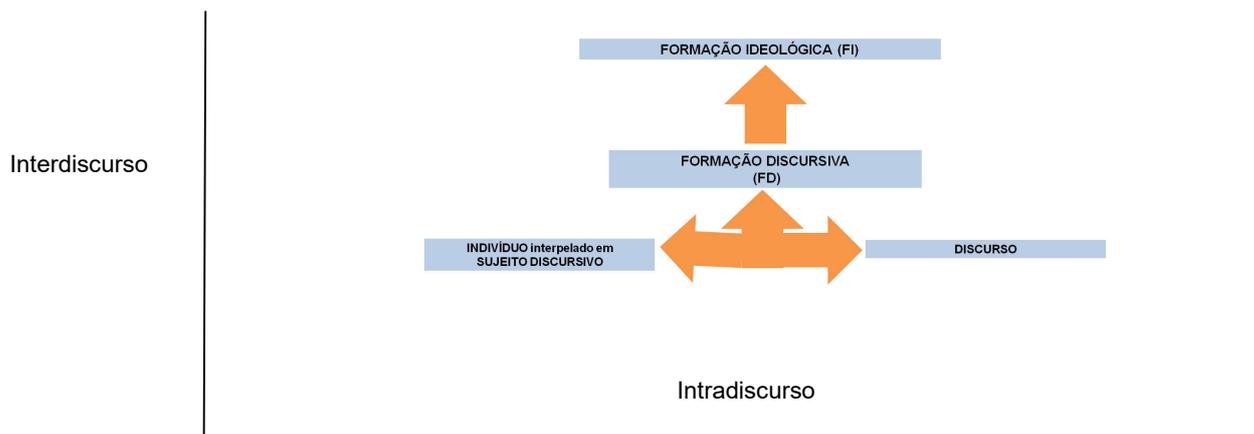


Figura 2 - Relação entre FI/FD, Discurso e Sujeito Discursivo. Fonte: figura produzida pela autora

Discurso e indivíduo estão atrelados a FD; a FD, por sua vez, está ligada a ideologia, fazendo o suporte necessário para que o indivíduo seja sujeito discursivo e, o discurso seja marcado pela materialidade histórica.

Agora que já temos uma ideia mais aprofundada do entrelaçamento entre FI e FD, bem como FD e sujeito/Discurso, precisamos salientar que, assim como a AD vai se construindo num processo de reformulação, o modo como esse sujeito se articula à Formação Discursiva também sofre alterações.

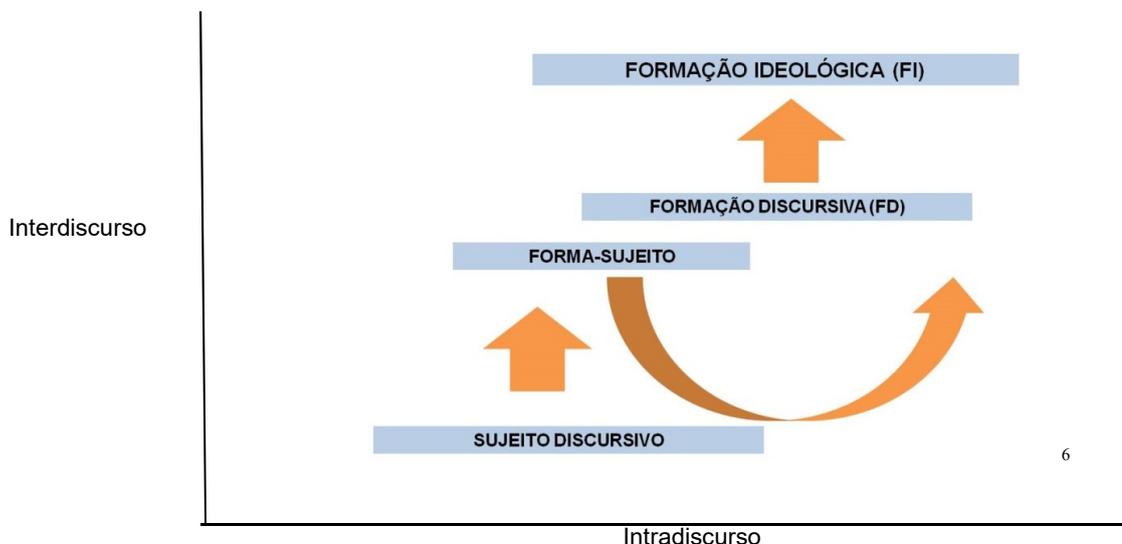


Figura 3 - Relação entre Forma-sujeito, sujeito e FD. Fonte: figura produzida pela autora

Pelo quadro percebemos que o Sujeito do Discurso não se articula a FD diretamente, mas através da Forma-Sujeito. “[...] O lugar do sujeito não é vazio, sendo preenchido por aquilo que ele designa de forma-sujeito, ou sujeito do saber de uma determinada Formação Discursiva (FD)” (GRIGOLETTO, 2008, p. 49). “⁷ [...] É através da relação do sujeito com a formação discursiva que se chega ao funcionamento do sujeito do discurso” (INDURSKY, 2007, p.79).

A Forma-sujeito preenche o sujeito discursivo e possibilita a sua identificação/inscrição com/em uma dada FD, tendo em vista que, a Forma-sujeito nada mais é do que o saber de uma FD. Vale acrescentar que, esta forma-sujeito, não é constituída por qualquer saber, mas por aquele que se sobrepõe aos demais. Isto não implica dizer que dentro da FD não possa está inscrito outros saberes, porém, essa ideia se inscreve numa perspectiva de FD heterogênea que será discutida posteriormente.

Diante das últimas exposições restam-nos as seguintes indagações: como se dá a articulação entre Sujeito Discursivo e Forma Sujeito? Será que essa articulação é sempre harmoniosa?

Uma possibilidade de resposta para estas questões consiste na ideia de FD fechada e homogênea, onde a única possibilidade do Sujeito Discursivo seria a plena identificação com a Forma-sujeito da FD na qual está inscrito através da *tomada de posição*.

⁶ A figura ainda não apresenta noções de posição-sujeito.

⁷ A FD é indispensável para que a constituição do sujeito discursivo seja efetuada, por sua vez, neste momento da AD, o sujeito do discurso necessita de uma forma-sujeito que faça o diálogo entre ele e a respectiva FD.

[...] A tomada de posição resulta de um retorno do Sujeito, de modo que a não-coincidência subjetiva que caracteriza a dualidade sujeito/objeto, pela qual o sujeito se separa daquilo de que ele toma consciência e a propósito do que ele toma posição, é fundamentalmente homogênea à coincidência-reconhecimento pela qual o sujeito se identifica consigo mesmo, com seus semelhantes e com o Sujeito. O desdobramento do sujeito- como tomada de consciência de seus objetos- é uma reduplicação da identificação [...]. (PÊCHEUX, 1995, p. 172).

A tomada de posição, retratada anteriormente, se insere no modelo de plena identificação do sujeito com a Forma-sujeito da FD. É uma tomada de posição que reduplica os saberes da FD e segue fielmente os “dizeres” propostos pela Forma-sujeito que por sua vez determinará o que é ou não permitido dentro do campo da sua FD. Nesta perspectiva os sentidos sempre serão os mesmos, como se fosse uma estrada que leva o sujeito a um único lugar por um único percurso.

Indursky (2008; 2007) acrescenta que após essa ideia de homogeneidade, Pêcheux lança na mesma obra (1995) a ideia de modalidades de tomada de posição. Já não temos mais um único modo/tomada de posição do sujeito com os saberes e Forma-sujeito da FD, isto implica dizer que, não temos, também, um sujeito dotado de unidade, mas um sujeito dividido.

A primeira modalidade consiste numa superposição [...] entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal, de modo que a “tomada de posição” do sujeito realiza seu assujeitamento sob a forma do livremente consentido: essa superposição caracteriza o discurso do “bom sujeito” que reflete espontaneamente o “Sujeito” [...]. (PÊCHEUX, 1995, p. 215).

A primeira tomada de posição discorrida por Pêcheux revela uma identificação plena do sujeito com o saber/ Forma-sujeito da FD, gerando assim, a unicidade imaginária do sujeito⁸. Seria no caso uma reflexão espontânea, uma inscrição do sujeito no Sujeito sem nenhuma ruptura ou contradição.

A segunda modalidade caracteriza o discurso do “mau sujeito”, discurso no qual o sujeito da enunciação “se volta” contra o sujeito universal por meio de

⁸ Pêcheux entende que esta tomada de posição, que parece reduplicar a identificação, é apenas uma primeira modalidade de tomada de posição e que, quando ela ocorre, produz não um sujeito dotado de unidade, mas um efeito-sujeito (INDURSKY, 2008, p. 13).

uma “tomada de posição” que consiste, desta vez, em uma separação [...] com respeito ao que o “Sujeito universal” lhe dá a pensar [...] (PÊCHEUX, 1995, p.215).

Na segunda modalidade temos um sujeito que indaga e questiona os saberes da FD, não há, portanto, uma identificação ou reprodução plena. Há, na verdade, um desvio, uma contraposição do sujeito ao saber da FD, através da tomada de posição. Indursky (2007) alerta para o fato de que essa contraidentificação não indica ruptura com a Formação Discursiva, tendo em vista que, ela acontece no seu interior, ou seja, apesar de não se identificar completamente o sujeito continua inscrito na mesma FD.

Isto nos permite compreender que não há unicidade na Forma-sujeito e que existem diferentes modos do sujeito se articular com a FD. Apesar de ser interpelado ideologicamente e perpassado pelo inconsciente, ele tem certa liberdade de posicionamento perante os saberes da FD na qual está inscrito. Essa “liberdade” provoca a possibilidade de contraidentificação que, por sua vez, indica uma FD que carrega em si o heterogêneo, a alteridade e a influência de outras FDs.

Vale ressaltar que, a inserção de saberes de outras FDs numa FD específica se dá por meio do interdiscurso e intradiscurso.

O interdiscurso é o lugar no qual se constituem, para um sujeito falante, produzindo uma sequência discursiva determinada, os objetos de seu discurso, assim como as articulações entre esses objetos, pelos quais o sujeito enunciador vai dar uma coerência à sua declaração, no que chamaremos, depois de Pêcheux (1975), o intradiscurso da sequência discursiva que ele enuncia (COURTINE, 2009, p. 74).

É no interdiscurso que estão todos os saberes que constituem as FDs e, é a FD, por sua vez, que determina qual o saber do interdiscurso que pode ou não se inserir em seu espaço. Não obstante, quando há contraidentificação com um saber de uma FD1, por exemplo, novos saberes que estão no interdiscurso e que não poderiam se inserir na FD1, por que talvez faça parte de uma FD2/ FD3 e assim sucessivamente, se insere mesmo assim, causando tensões. O intradiscurso também é significativo, pois consiste no modo como o interdiscurso é expresso discursivamente ou horizontalmente. É nele que a formulação vai se efetuar.

Indursky (2008) acrescenta, ainda, fundamentada nos estudos pecheutianos, que há uma terceira modalidade de tomada de posição denominada por *desidentificação* que consiste numa:

[...] Tomada de posição não subjetiva [...]. Na realidade, o funcionamento dessa “terceira modalidade” constitui um trabalho (transformação-deslocamento) da Forma-sujeito e não sua simples anulação. [...]. A ideologia “eterna” enquanto categoria [...] não desaparece; ao contrário, funciona de certo modo às avessas [...] (PÉCHEUX, 1995, p. 217).

Esta última modalidade vai além da contraidentificação de um sujeito com um saber de uma FD. Ela provoca a ruptura propriamente dita, ou seja, o sujeito se desidentifica com a Forma-Sujeito da FD e se inscreve numa nova Formação Discursiva já existente, ou, ao se desidentificar, se inscreve em uma FD que ainda está em processo de construção⁹; porém, precisamos alertar que esta ruptura não implica numa liberdade ideológica, já que, o sujeito continua interpelado pela ideologia. Se o sujeito não mais se identifica com a Forma-sujeito de uma FD é por que ele já se inscreveu numa outra FD através, também, da ideologia.

O Bagaço e do Bagaço à liberdade: uma análise do sujeito discursivo

Já sabemos que a FD comporta em si o diferente e o heterogêneo e que os modos pelos quais o sujeito discursivo se identifica com a FD são múltiplos. Propomos, neste último tópico, aplicar os estudos teóricos na análise de discursos¹⁰ extraídos do documentário 1: Bagaço; e do documentário 2: Do Bagaço à liberdade. Optamos por esquematizar a interpretação dos dados, também através de figuras.

Documentário 1: Bagaço

¹¹**SD1 (Escrita fonética):** U trabalho du corti da cana é um trabalho pu iscravidadi. Um trabalho puxadu né? A genti sai di, dax trei da manhã i chega as oitu da noiti [...]. Issu é melho pru patrão. Melho pru patrão pur quê cada dia eli tá assubinu i u trabalhado, eli tá diminuindu, pur quê a produção qui a genti fai fica tudu para ô patrão.

SD1 (Escrita ortográfica): O trabalho do corte da cana é um trabalho por escravidão. Um trabalho puxado né? A gente sai de..., das três da manhã e chega às oito da noite [...] Isso é

⁹ Indursky (2008) chama esse segundo tipo de desidentificação de acontecimento discursivo.

¹⁰ Optamos por escrever no modo fonético para valorizar a sequência como foi proferida, contudo, para amenizar a dificuldade de leitura e compreensão da sequência discursiva, acrescentamos a escrita no modo ortográfico.

¹¹ Sequência Discursiva

melhor para o patrão. Melhor para o patrão por que cada dia ele está subindo e o trabalhador..., ele está diminuindo, por que a produção que a gente faz fica tudo para o patrão.

Na primeira sequência discursiva do documentário 1 constatamos uma relação de contraidentificação do sujeito discursivo com alguns saberes da Formação Discursiva dos latifundiários, afinal, há uma tomada de posição que critica a relação patrão/empregado e condições de trabalho, porém ainda reconhece o direito do patrão a terra. Consiste, portanto, numa posição sujeito diferente, acerca da relação e condição de trabalho dentro da mesma FD do latifundiário. Não há uma ruptura e inscrição em outra FD, visto que, ainda há identificação com a Forma-sujeito nos quais estão inscritos os “donos das terras”.

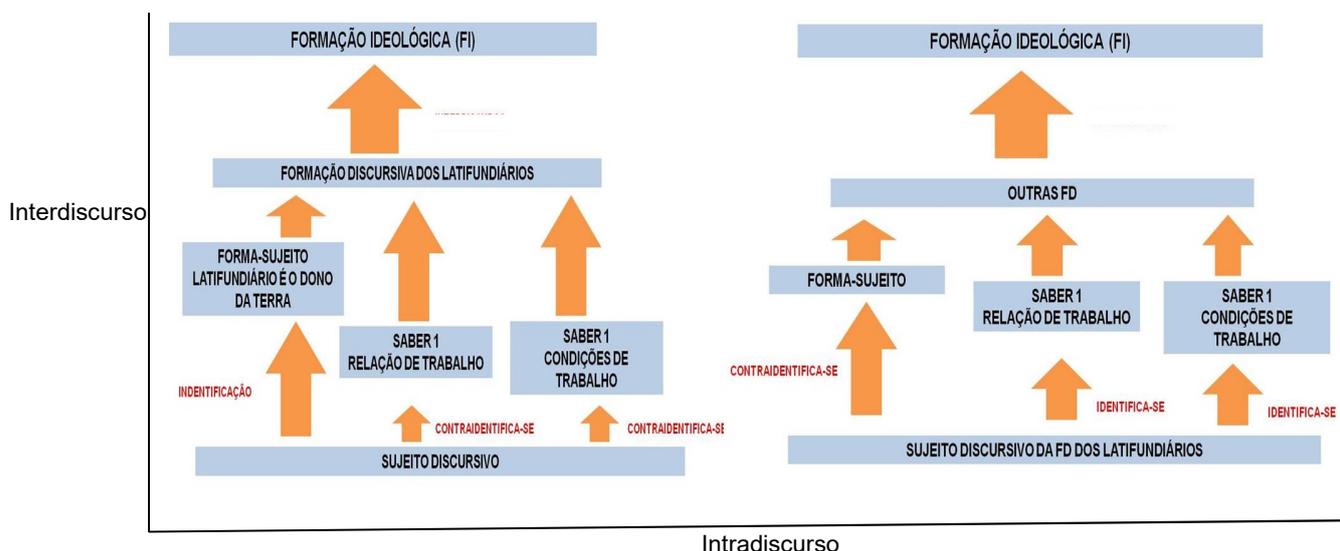


Figura 4. Contraidentificação do sujeito. Fonte: figura produzida pela autora

SD2 (Escrita fonética): U siviçu qui u ômi butá a genti tem qui fazê né? Pur quê você sabi né? A genti nu tomu aqui pra, a genti nu manda na genti. Quem manda na genti aqui é eli. Si butá pá qualqué siviçu, a genti tem qui fazê.

SD2 (Escrita ortográfica): O serviço que o homem botar, a gente tem que fazer né? Por que você sabe né? A gente não estamos aqui para ..., a gente não manda na gente. Quem manda na gente aqui é ele. Se botar para qualquer serviço, a gente tem que fazer.

Na segunda sequência discursiva do documentário 1 notamos que há uma plena identificação com a Forma-Sujeito, porquanto, não há o mínimo de tensão entre a posição

sujeito assumida e a FD do latifundiário. Nesta SD há apenas a reprodução dos saberes que emanam do sistema de opressão e das relações de classe, isto é, cada sujeito discursivo tem uma função a desempenhar. Enquanto um grupo tem direito a terra o outro não tem; enquanto um grupo não trabalha, o outro trabalha demasiadamente. E isso se dá para esse sujeito discursivo de forma natural, de modo que as relações devem ser mantidas sem nenhuma contradição ou interferência.

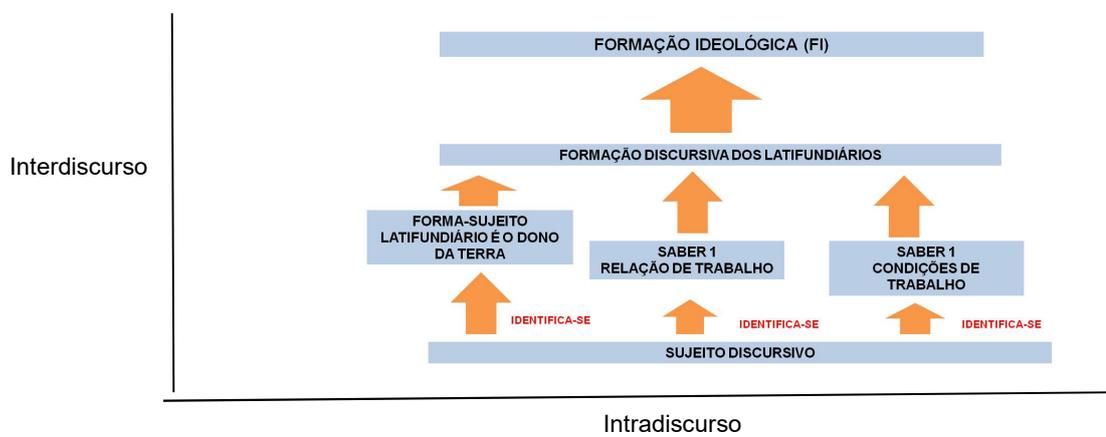


Figura 5. Identificação do sujeito. Fonte: figura produzida pela autora

Documentário 2: Do bagaço à liberdade

SD3 (Escrita fonética): Serviço canaviêru não tá danu mais não. Nós temus qui trabalhá pra genti. Tem Taquara, tem Penedinho, que são da reforma agrária. Aqui também, tem fé em Deus, di sê da reforma agrária. Pra mim a solução du trabalhadô qui vivi na cana, no sofrimentu qui nós vivia, então, é essa: eli partir para a reforma agrária, caçar uma ocupação [...]. Si eli quisé mudá di vida, eli tem qui fazê qui nem nói fizemu. Si eli não tivé coragi, eli vai vivê nesse sofrimentu toda a vida. Vai morrê lá dentu do corti, trabalhanu pra u latifundiáriu.

SD3 (Escrita ortográfica): Serviço canavieiro não está dando mais não. Nós temos que trabalhar pra gente. Tem Taquara; tem Penedinho, que são da reforma agrária. Aqui também, tenho fé em Deus, de ser da reforma agrária. Pra mim, a solução do trabalhador que vivi na cana, no sofrimento que nós vivíamos..., então, é essa: ele partir para a reforma agrária, caçar uma ocupação [...]. Se ele quiser mudar de vida, ele tem que fazer o que nós fizemos. Se ele

não tiver coragem, ele vai viver nesse sofrimento toda a vida. Vai morrer lá dentro do corte, trabalhando para o latifundiário.

Nesta sequência discursiva, do documentário 2, presenciamos o que Indursky (2008) chama de acontecimento discursivo.

[...] Ruptura com uma formação discursiva historicamente instituída, desidentificação da forma-sujeito que organiza os saberes do referido domínio de saber e surgimento de uma nova FD e de uma nova forma-sujeito, o que provoca necessariamente movimentação e reordenamento de sentidos no espaço da memória sobre os saberes que se organizam em torno da questão da terra (INDURSKY, 2008, p. 23).

Nessa situação o sujeito ao passo que se desidentifica com a FD do latifundiário, porquanto tem consciência do seu direito a terra, ele se inscreve num domínio de saber que está em processo de constituição: a FD dos sem terra. O sujeito discursivo já não, simplesmente, se contraidentifica com um saber de uma FD, mas passa a se inscrever em uma FD diferenciada e assume uma Forma-sujeito também distinta. Uma Formação Discursiva composta por outros valores, outras noções de relação de trabalho e de posse de terras. A FD dos sem terra carrega em si uma Forma-sujeito antagônica a do latifundiário e posições sujeitos opostas as posições defendidas pela classe dominante.

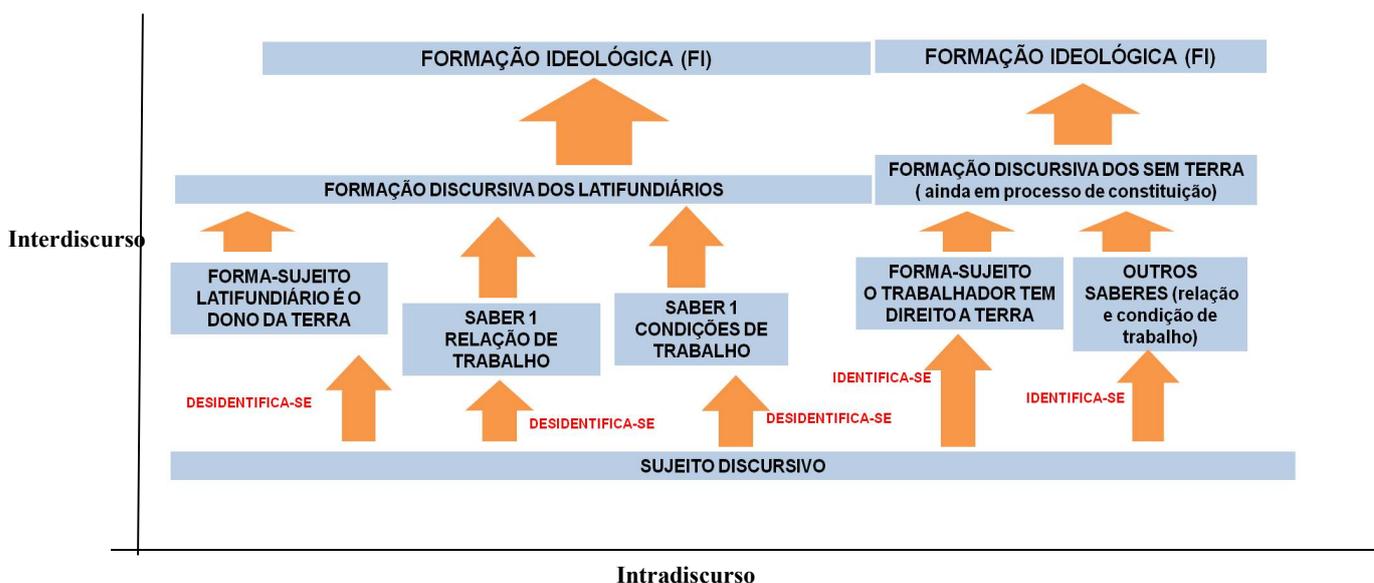


Figura 6. Desidentificação do sujeito. Fonte: figura produzida pela autora

Algumas considerações

A realização desse estudo prático e teórico nos possibilitou constatar que o sujeito discursivo é multifacetado e construído sobre os alicerces da Ideologia e do Inconsciente. Esse sujeito do qual estamos dialogando por ser plural dialoga também com uma FD heterogênea, constituída por inúmeras posições sujeito. O que nos leva a concordar com Indursky (2008) quando diz que a identificação do sujeito não se dá com a Forma-sujeito da FD, mas com um saber dessa FD, ocasionando nas posições sujeito já discutidas anteriormente.

Em síntese, os objetivos as quais nos propomos foram atingidos, afinal, conseguimos realizar um panorama da construção da noção de sujeito discursivo ao longo da própria constituição (reformulações e transformações) da AD. Pêcheux em seus estudos não apenas reforça um sujeito discursivo diferente da proposta empírica, quanto nos oferece subsídios para que venhamos compreender o funcionamento desse sujeito.

Vale afirmar que, nossas indagações realizadas no início desse estudo foram sanadas, visto que, notamos que o sujeito do discurso está atrelado a uma posição-sujeito e Forma-sujeito que, por sua vez, está imersa numa FD atrelada a uma FI. É esse entrelaçamento que permite ao sujeito discursivo o alcance da materialidade histórica e da interpelação ideológica. Foi possível, portanto, constatar o diálogo entre o sujeito e outras noções da AD.

É sabido, também, que o sujeito do discurso é perpassado pela inconsciência, porém um dos nossos questionamentos, ao decorrer do trabalho, consistia no modo como ele atingia esse “perpassamento”. Constatamos que isso ocorre devido a dois esquecimentos: esquecimento número 1 que é da ordem inconsciente e o esquecimento número 2 que é da ordem da pré-consciência.

Concluimos que assim como a FD não é composta por homogeneidade, o sujeito também não o é. Ele é composto pelo diferente, pelo dividido e pelo heterogêneo. A unidade desse sujeito só pode se dá como uma ilusão, como algo que é apenas imaginado e não efetuado. Isso nos auxiliou a concluir que a relação entre sujeito e Forma-sujeito/FD raramente se dá de forma harmônica. Em inúmeras situações ela é marcada pelo conflito e pela tensão.

No sujeito do discurso podemos encontrar vários “eus” discursivos que se efetuam de diferentes modos. Detectamos essa pluralidade em especial no processo de identificação desse sujeito com uma dada FD. Ele pode se identificar completamente com a forma-sujeito de uma FD e com seus respectivos saberes (Bom sujeito), ou pode se contrapor mediante a contraidentificação com um dos saberes da FD (Mau sujeito), ou pode, ainda, se desidentificar completamente de uma FD e se inserir em outra em processo de constituição ou já constituída.

Na prática pudemos notar essa relação plural entre sujeito discursivo e FD através da análise dos documentários. Ora temos um discurso de plena identificação com a FD e forma-sujeito do Latifundiário, ora temos contraidentificação com alguns saberes dessa mesma FD; por fim temos a total desidentificação com a FD, com a Forma- sujeito e com outros saberes da FD do latifundiário; o que acarreta na inscrição em uma nova FD que ainda está em processo de constituição: FD dos sem terra.

Em síntese, nós esperamos que esse artigo possa contribuir com a solidificação de estudos linguísticos e que seja capaz de perfurar a linha dura, interligando a língua à história; o sujeito ao discurso, à ideologia e à inconsciência.

REFERÊNCIAS

Bagaço. Produção: Comissão Pastoral da Terra e Rede Social de Justiça e Direitos Humanos. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LA9EInFFwRU>. Acesso em 1 de Julho de 2017. 2006, 25 min.

Do Bagaço à Liberdade. Produção: Comissão Pastoral da Terra e Rede Social de Justiça e Direitos Humanos. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=0_XKi8knTB0. Acesso em 1 de Julho de 2017. 2010, 13 min.

COURTINE, J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, 2009, p. 69-96.

GRIGOLETTO, E. Do lugar discursivo à posição sujeito: os movimentos do sujeito-jornalista no discurso de divulgação científica. In: MITTMANN, S; GRIGOLETTO, E; CAZARIN, E.A. (Orgs). *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova 2008, p. 47-65.

HENRY, P. Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, F; HAK, T; (Orgs). MARIANI, B.S [et al]. *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux*. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

INDURSKY, F. Da interpelação à falha no ritual: a trajetória da noção de formação discursiva. In: BARONAS, R.L (Org). *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção – conceito de Formação Discursiva*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007, p.75-87.

INDURSKY, F. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN,S; GRICOLETTO,E; CAZARIN, E.A. (orgs). *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008, p. 47-65.

INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. In. INDURSKY, F; MITTMANN, S; LEANDRO FERREIRA, M.C (Orgs). *Memória e história na/da Análise do Discurso*. Campinas: Mercado de Letras, 2011, p. 67-89.

MALDIDIÉ, D. *A inquietação do discurso*. (Re) ler Michel Pêcheux hoje. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, Michel (1969). Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET & HAK (Org). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Ed. Unicamp, 1997, p.61- 162.

PÊCHEUX & FUCHS (1975). A propósito da Análise Automática do Discurso. In: GADET & HAK (Org). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Ed. Unicamp, 1997, p.163-179.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2001.

**Artigo recebido em setembro de 2017.
Artigo aceito em novembro de 2017.**